

**REGISTROS DE PINGÜINS-DE-MAGALHÃES, *Spheniscus magellanicus* (FOSTER, 1781)
(SPHENISCIFORMES : SPHENISCIDAE) PARA O LITORAL DO ESTADO DA BAHIA,
BRASIL. 1971-2005.**

Rodrigo Maia-Nogueira; Luciano Raimundo Alardo Souto; Igor Leonardo Cardoso Lima; Daniel
Chequer Bressan; Lauro Diógenes Cavalcanti Nunes*
Antonio Alfredo Barreto Molina**

RESUMO: O pingüim-de-magalhães, *Spheniscus magellanicus*, é uma das espécies de pingüins que podem ocorrer no litoral brasileiro. Este trabalho tem como objetivo reportar os registros de *S. magellanicus*, no litoral da Bahia, entre os anos de 1971 e 2005. Os exemplares aqui reportados foram obtidos através dos resgates realizados no litoral do estado da Bahia e revisão bibliográfica. Entre os anos de 1971 e 2005, 25 espécimes de *S. magellanicus* foram registrados para o litoral do estado da Bahia, tendo como meses de maior incidência julho e agosto, indicando o inverno como época de maior ocorrência desta espécie. Todos se encontravam desnutridos e desidratados, apresentando massa corporal e panículo adiposo reduzidos. Dos 25 registros, 15 (60%) foram resgatados pelo CRMA entre os anos de 1999 e 2005, 12 chegaram vivos, 9 vieram a óbito após o resgate e dos 3 restantes, 2 foram enviados para a Fundação Rio Zoo, Rio de Janeiro, em 1999, e o último exemplar (CRMA#AV-0017), resgatado em maio de 2005, encontra-se em reabilitação no Plantel do CRMA. Os autores deste estudo acreditam que os exemplares de *S. magellanicus* registrados para o estado da Bahia sejam animais arrastados pelo sistema de correntes conhecido por Giro Subtropical do Atlântico Sul. Propõe-se que sejam realizadas pesquisas de marcação e análises genéticas, a fim de descobrirmos a verdadeira origem dos espécimes encontrados no litoral nordestino do Brasil, oferecendo maiores subsídios na elaboração de estratégias de reintrodução de indivíduos reabilitados.

Palavras-chave: *Spheniscus magellanicus*; Bahia; Ocorrência

INTRODUÇÃO

Os pingüins são aves oceânicas pertencentes à ordem Sphenisciformes, família Spheniscidea, com 7 espécies registradas para o continente sulamericano (SICK, 2001), das quais, quatro são registradas para o litoral brasileiro, *Aptenodytes patagonicus*, *Eudyptes chrysolophus*, *E. chrysocome* e *S. magellanicus* (PACHECO *et al.*, 1995; SICK, 2001). São encontradas em águas temperadas, comumente entre 42° 00' S e 52° 24' S, onde se situam as colônias mais próximas ao Brasil: Estância São Lourenço e Caleta Valdes, ambas na península Valdes, Patagônia (BARBIERI & VOOREN, 1993; SICK, 2001; WONG, 2001).

O *S. magellanicus* é um pingüim de médio porte com comprimento total médio de 650 mm e máximo de 710 mm; o padrão de cores é branco e preto, tendo as costas, cabeça e região dorsal das asas negras e o peito e a região ventral das asas branco. Em ambos os lados da cabeça,

* Acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Católica do Salvador – UCSal. Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos (CRMA), Instituto de Pesquisa e Conservação dos mamíferos Aquáticos (IMA). Orientador: Gerson de Oliveira Norberto, Médico Veterinário, Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos (CRMA), Instituto de Pesquisa e Conservação dos mamíferos Aquáticos (IMA).

** Acadêmico do Curso de Ciências Biológicas (UNIME). Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos (CRMA), Instituto de Pesquisa e Conservação dos mamíferos Aquáticos (IMA).

o *S. magellanicus* apresenta uma mancha branca em forma de "C" que tem início logo acima do olho e termina abaixo do bico, unindo-se à mancha do lado oposto, esta é pouco definida em indivíduos imaturos. O *S. magellanicus* apresenta também uma faixa branca logo abaixo do pescoço que se prolonga contornando o padrão do peito até a região das asas, que só ocorre em indivíduos maduros. O seu bico é negro e as patas cinza-escuro podendo apresentar manchas mais claras e/ou rosadas (SOUZA, 1999).

Procedentes da Patagônia, Argentina, nos meses de inverno e primavera, alguns indivíduos imaturos podem ser encontrados ao sul e sudeste do Brasil (CERCHIARI e MANZONI, 2002; LINHARES *et al.*, 2002). Devido à grande umidade presente na região tropical e a temperaturas em torno de 28,5° e 30°, esses animais, acostumados a climas mais amenos com temperaturas menores e menos úmidas, sofrem de diversas patologias, principalmente respiratórias (SICK, 2001).

Este trabalho tem como objetivo reportar os registros de *S. magellanicus*, no litoral da Bahia, entre os anos de 1971 e 2005.

MATERIAL E MÉTODOS

Os exemplares de *S. magellanicus* aqui reportados foram obtidos através dos resgates realizados no litoral do estado da Bahia e através de revisão bibliográfica em literatura especializada (CASTELLO & PINEDO, 1977; LIMA *et al.*, 2004).

A identificação dos espécimes resgatados foi realizada através da análise de características do padrão de coloração, usando como base literatura especializada (WALLER, 1996; SOUZA, 1999; SICK, 2001; WONG, 2001).

Todo o material biológico, fotogramas e dados coletados pelo Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos (CRMA) encontram-se tombados na Coleção Científica do Instituto de Pesquisa e Conservação dos Mamíferos Aquáticos (IMA), sob os números de tomo CRMA#AV-0001, CRMA#AV-0002, CRMA#AV-0003, CRMA#AV-0004, CRMA#AV-0005, CRMA#AV-0006, CRMA#AV-0007, CRMA#AV-0008, CRMA#AV-0009, CRMA#AV-0010, CRMA#AV-0011, CRMA#AV-0012, CRMA#AV-0013, CRMA#AV-0014, CRMA#AV-0017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Exemplares de *S. magellanicus* que, entre os meses de inverno e primavera, são comumente registrados no sul e sudeste brasileiro, região de águas frias, estão sendo também registrados no litoral do estado da Bahia, nordeste do Brasil, área mais quente.

Entre os anos de 1971 e 2005, 25 espécimes de *S. magellanicus* foram registrados para o litoral do estado da Bahia, tendo como meses de maior incidência julho e agosto (Tabela 1), o que corrobora com Sick (2001) e Lima *et al.* (2004) que indicam o inverno como época de maior ocorrências desta espécie, sendo que também foram registradas ocorrências para os meses de abril, maio e junho. Todos se encontravam desnutridos e desidratados, apresentando massa corporal e pâncreo adiposo reduzidos, encontrando-se debilitados de tal forma que não conseguiam manter-se em pé. Lima *et al.* (2004) propõem a inanição como principal causa da mortalidade de aves migratórias encontradas no estado da Bahia, incluindo os pingüins. Estes autores citam como origem desse fato os problemas causados por fortes ventos no período entre abril e agosto. A partir das características da plumagem, todos os indivíduos foram considerados juvenis (WALLER, 1996; SICK, 2001) e, durante a permanência em cativeiro, alguns indivíduos adquiriram plumagem adulta.

Dos 25 espécimes registrados no litoral baiano, 15 (60%) foram resgatados pelo Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos (CRMA) entre os anos de 1999 e 2005, 12 chegaram vivos e 9 vieram a óbito após o resgate. Dos 3 restantes, 2 foram enviados para a Fundação Rio Zoo, Rio de Janeiro, em 1999, e o último exemplar (CRMA#AV-0017) resgatado em maio de 2005, encontra-se em reabilitação no Plantel do CRMA. No ano de 2004, o espécime CRMA#AV-0010 permaneceu 5 meses em reabilitação, vindo a óbito em decorrência de uma infecção respiratória aguda.

Castelo e Pinedo (1977) sugerem que os pingüins são arrastados para o Brasil provavelmente através da corrente das Malvinas, que tem influência até o litoral do Espírito Santo. No entanto, o litoral da Bahia não sofre influências de grandes correntezas vindas da região subantártica, área de ocorrência natural da espécie, e sim influência direta da corrente do Brasil que atinge o Brasil no litoral nordeste do País, recebendo águas da costa oeste africana através da corrente Sul Equatorial que recebe águas da corrente de Benguela, que, por sua vez, recebe águas subantárticas através da corrente Subantártica (Souza, 2000). Desta forma existe uma rota alternativa, na qual os animais podem acabar sendo arrastados e vindo parar no Brasil: o Giro Subtropical do Atlântico Sul. Vale lembrar que, em todos os casos registrados, só chegaram animais debilitados, o que também sugere que espécimes em melhores condições possam passar despercebidos pela costa, podendo até mesmo voltar para áreas de ocorrência natural da espécie.

CONCLUSÃO

Acredita-se que o *S. magellanicus* esteja realizando movimentos erráticos de deslocamento, sendo arrastado para o nordeste do Brasil por sistemas de correntes superficiais, ampliando a sua distribuição para esta região. Os autores deste estudo acreditam que os exemplares de *S. magellanicus* registrados para o estado da Bahia sejam animais arrastados por este sistema de correntes conhecido por Giro Subtropical do Atlântico Sul.

Devido ao fato de existirem poucos trabalhos publicados sobre distribuição e história natural de *S. magellanicus*, também propomos que sejam realizadas pesquisas de marcação e análises genéticas, a fim de descobrirmos a verdadeira origem dos espécimes encontrados no litoral nordestino do Brasil, oferecendo maiores subsídios na elaboração de estratégias de reintrodução de indivíduos reabilitados.

Tabela 1 – Pinguins registrados no litoral baiano entre os anos de 1971 e 2005

---	Registro	Data	Local	Referência
01	-	1971	Próx. a Salvador	Castello & Pinedo, 1977
02	-	1971	Próx. a Salvador	Castello & Pinedo, 1977
03	-	1971	Próx. a Salvador	Castello & Pinedo, 1977
04	-	1998	Itapuã, Salvador (12°55'02"S-038°21'10"W)	Lima <i>et al.</i> , 2004
05	-	1999	Salvador	Lima <i>et al.</i> , 2004
06	-	1999	Salvador	Lima <i>et al.</i> , 2004
07	-	08/1999	Salvador	Lima <i>et al.</i> , 2004
08	-	08/1999	Salvador	Lima <i>et al.</i> , 2004
09	-	20/07/1999	Plataforma, Salvador	Norberto, 2000
10	CRMA#AV-0001	30/08/1999	Salvador	/Presente trabalho/
11	CRMA#AV-0002	31/08/1999	Madre de Deus, Salvador	/Presente trabalho/
12	CRMA#AV-0003	21/04/2000	Ilhéus	Norberto, 2000
13	CRMA#AV-0004	01/08/2000	Jardim de Alá, Salvador	/Presente trabalho/
14	CRMA#AV-0005	08/08/2000	São Joaquim, Salvador	/Presente trabalho/
15	CRMA#AV-0006	29/08/2000	Salvador	/Presente trabalho/
16	CRMA#AV-0007	30/08/2000	Contorno, Salvador	/Presente trabalho/
17	CRMA#AV-0008	31/08/2000	Rio Vermelho, Salvador	/Presente trabalho/
18	-	2001	Salvador	Lima <i>et al.</i> , 2004
19	CRMA#AV-0009	01/08/2003	Amaralina, Salvador	/Presente trabalho/
20	CRMA#AV-0010	11/06/2004	Ribeira, Salvador	/Presente trabalho/
21	CRMA#AV-0011	28/07/2004	Itapuã, Salvador	/Presente trabalho/

22	CRMA#AV-0012	28/07/2004	Guarajuba, Camaçari	/Presente trabalho/
23	CRMA#AV-0013	10/08/2004	Ribeira, Salvador	/Presente trabalho/
24	CRMA#AV-0014	18/08/2004	Rio Vermelho, Salvador	/Presente trabalho/
25	CRMA#AV-0017	16/05/2005	Porto da Barra, Salvador	/Presente trabalho/

Legenda: CRMA#AV = Acervo de aves marinhas da Coleção Científica do Instituto de Pesquisa e Conservação dos Mamíferos Aquáticos; Próx. = próximo.

Agradecimentos

A todos os membros do Instituto de Pesquisa e Conservação dos Mamíferos Aquáticos (IMA). Agradecemos também ao Parque Zoobotânico Getúlio Vargas (Zoo Salvador) pelo apoio logístico na manutenção de alguns exemplares em cativeiro; à Transporte Marítimo da Bahia (COMAB), Bahia Marina, Iate Clube da Bahia, pescadores do Rio Vermelho e do Porto da Barra, à Companhia de Polícia de Proteção Ambiental (COPPA) e funcionários da Refinaria Landolfo Alves (ReLan) pelo apoio na captura de alguns exemplares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbieri, E.; Vooren, C.M. 1993. Técnicas de recuperação de pingüins oleados. **Ambiente**, 7(1):18-22
- Castello, H.P.; Pinedo, M.C. 1977. Os visitantes ocasionais de nosso litoral. **Natureza em Revista**, 3:40-46.
- Cerchiari, E.; Manzoni, G.C. 2002. Monitoramento e reabilitação de pingüim-de-magalhães (*Spheniscus magellanicus*), nos entornos da enseada da Armação do Itapocoroy (Penha, SC). Resumo: **XXIV Congresso Brasileiro de Zoologia**, 15036.
- Linhares, M.B.; Siciliano, S.; Silva, E.D.; Fernandes, T.; Di Benedetto, A.P.M. 2002. Análise de conteúdo estomacal e parasitas de pingüins (*Spheniscus magellanicus*) em Arraial do Cabo / RJ. Resumo: **XXIV Congresso Brasileiro de Zoologia**, 15006.
- Lima, P.C.; Grantsau, R.; Lima, R.C.F.R.; Santos, S.S. 2004. **Occurrence and mortality of seabirds along the northern coast of Bahia, and the identification key of the Procellariiformes order and the Stecorarii family**. Cetrel S.A.: Empresa de Proteção Ambiental.
- Norberto, G.O. 2000. Reabilitação em cativeiro de um pingüim-de-magalhães (*Spheniscus magellanicus*) no Parque Zoobotânico Getúlio Vargas, Salvador – BA. Resumo: **XXIV Congresso da Sociedade de Zoológicos do Brasil**, Belo Horizonte, p.40.
- Pacheco, J.F.; Ramos-Jr., V.; Fedullo, L.P. 1995. O pingüim-rei (*Aptenodytes patagonicus*) pela primeira vez assinalado no Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, 4:04.

Sick, H. 2001. **Ornitologia Brasileira**. 4ª Edição, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Souza, D. 1999. **Todas as Aves do Brasil : Guia de campo para identificação**. Editora Dall, p.14-15.

Souza, M.C.A. 2000. **A corrente do Brasil ao largo de Santos: medições diretas**. Dissertação de Mestrado, Oceanografia Física, Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 178pp.

Waller, G. 1996. **Sealife: A complete guide to the marine environment**. Smithsonian Institution Press, Washington,

Wong, C. 2001. "**Spheniscus magellanicus**" (On-line), Animal Diversity Web. Acessado em 30 de junho de 2005 no endereço: http://animaldiversity.ummz.umich.edu/site/accounts/information/Spheniscus_magellanicus.html